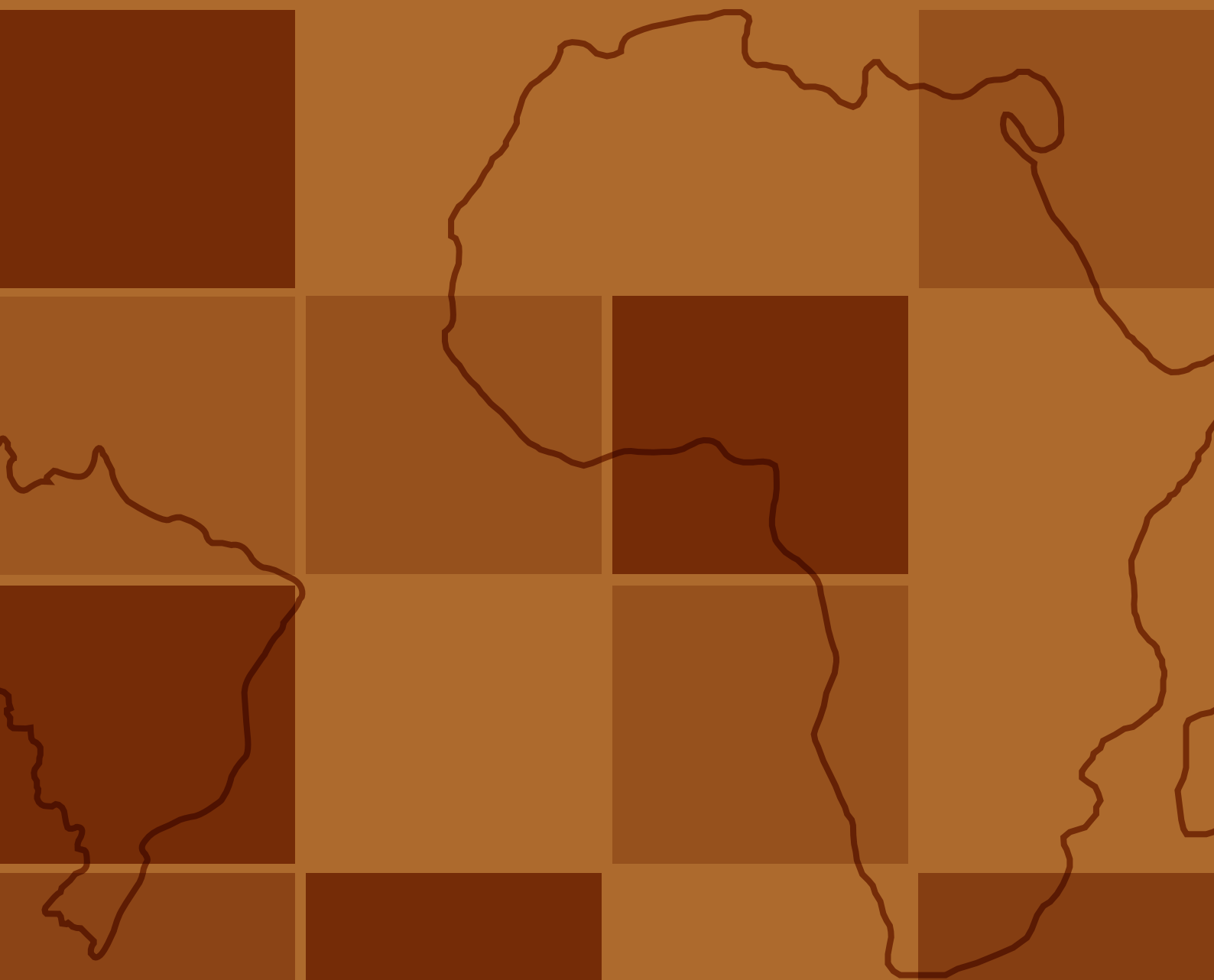


# APRESENTAÇÃO





Este é o primeiro número deste complexo ano de 2026 – trumpismo, guerras, copa do mundo, eleições... E é o primeiro número após a Revista Dramaturgias ter sido classificada como A1 pela Capes.

O reconhecimento dos pares para uma publicação centrada na excelência e liberdade é, para nós, uma alegre e uma surpresa: desde o seu início em 2016, a revista buscou o melhor texto, independentemente de sua origem. Por não ser um veículo de um programa de pós-graduação específico, valeu-se cedo da flexibilidade e das vantagens de ser uma publicação online, possibilitando que pessoas dos mais diversos backgrounds publicassem seus textos, textos que muitas vezes não seriam aceitos dentro das fábricas de papers em que se converteram muitos dos periódicos acadêmicos.

Sabemos bem a loucura que é muitas vezes publicar na maioria dos periódicos: o autor tem de seguir à risca alguns protocolos que são variáveis de revista para revista, especialmente no que se refere à normalização bibliográfica. Outra coisa: o autor ainda tem de ser o editor, revisor, diagramador de seu texto, entregando o material quase pronto para a revista. Este acúmulo dessas funções tem deixado exaustos grande parte dos autores, que colocam em primeiro plano atividades editoriais e não de pesquisa. Outro fator estonteante: em nome, creio, de um falso igualitarismo, limites de caracteres ou páginas impedem que textos mais complexos e extensos sejam publicados, como traduções de peça e documentações. Limites gerais não deixam muito espaço para singularidades. Ora, se estamos trabalhando com revistas online, para que limites além do bom senso e da especificidade de um texto. Se isso não é levado em conta, muitas vezes os artigos são apenas faturações de um produto maior – uma tese ou uma dissertação. Na verdade, muitos desses problemas advêm de não se considerar que de fato vivemos uma revolução editorial após a democratização dos recursos digitais. Precisamos pensar revistas dentro das possibilidades desses recursos. E quem trabalha com arte e cultura precisa cada vez mais aproximar a efetividade multissensorial de seus “objetos” de pesquisa das possibilidades de sua tradução em um ambiente virtual. Grande parte dos protocolos de controle dos textos para publicação em revistas acadêmicas se concentram mais no conteúdo verbal do que aquilo que pode ser disponibilizado na página. Ainda celebrando liberdade e excelência, abrimos este novo ano com a publicação do dossiê “ÁFRICA-BRASIL: Percepções sobre as Artes da Cena”, editado por Nilza Laice e Erico José Souza de Oliveira. Há muito a se fazer, muitas pesquisas em andamento, muitas discussões a partir de práticas, poéticas, epistemologias e abordagens antirracistas, descoloniais, negroreferenciadas. Fóruns, seminários, pesquisas, publicações – estamos construindo e questionando referências em um ambiente coletivo e crítico. Ajunte-se a esse deslocamento frente ao eurocentrismo e as perversas garras do colonialismo os materiais aqui reunidos pela incansável pesquisadora Anabela Mendes, fruto de seus encontros com comunidades africanas que moram em ilhas no arquipélago dos Bijagós, na costa da Guiné-Bissau. São anotações de diversa ordem, com observações do cotidiano dos Bijagós, projetos, coisas sonhadas, pensadas que agora se publicam, como impulsos para futuras realizações.

A próxima seção, Seminários, publica textos a partir de disciplina ministrada em 2025 nos ppgs em artes cênicas e metafísica da Universidade de Brasília, na qual discutiu-se a questão da assincronia entre som e imagem em audiovisuais e suas implicações estéticas. Cada pesquisador-artista entrou em contato com a leitura e discussão de textos e vídeos fundamentais sobre o tema e depois cada pesquisador-artista conduziu e documentou um projeto artístico.

A revista se conclui com dois colaboradores recorrentes: o pesquisador e compositor Marcello Amalfi e o classicista A.P. David apresentam suas ideias sobre som música e criação. Bem, quaisquer que sejam os resultados das lutas e disputas desse ano, desejamos uma boa leitura e um bom 2026 para nós! Que venham melhores tempos!

Atenciosamente

Brasília, 22 abril de 2026.

**Marcus Mota.**